

OS RITUAIS FÚNEBRES DA PRÉ-HISTÓRIA À GRÉCIA ANTIGA: AS BASES DE UMA RELIGIÃO

Fabício Possebon¹

Gracilene Felix Medeiros²

RESUMO: O homem moderno explica a religião através do transcendente, atribuindo-lhe um caráter místico, abstrato, distante das práticas cotidianas. Diante disso, propomo-nos ir ao passado da humanidade para observarmos e entendermos como surgiram os primeiros momentos de religiosidade e comprovar que esta ligação com o sagrado aconteceu proveniente de atos concretos, como o ritual fúnebre. Este contato inicial permaneceu e difundiu-se, principalmente, na Grécia antiga, civilização que tomamos como base para comprovarmos que o mito e esta relação do homem com o divino surgem em virtude do concreto e não ao contrário. Para esta viagem, nortear-nos-emos pela evolução da mente e pelo túmulo, que é o símbolo do elo entre os vivos e o sobrenatural.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Mente; 2. Sagrado; 3. Religião; 4. Túmulo.

ABSTRACT: The modern man explains religion through the transcendent, giving it a mystical, abstract character, remote from daily practices. Therefore, we propose to go into the past of mankind to observe and understand how the first moments of religiosity have emerged and prove that this link with the sacred occurred from concrete acts, as the funeral ritual. This initial contact remained and spread, especially, in ancient Greece, a civilization that we take as a basis to prove that the myth and the relationship of man with the divine arise by virtue of the concrete and not otherwise. For this trip, we will guide us by the evolution of the mind and the tomb, which is the symbol of the link between the living and the supernatural.

KEYWORDS: 1. Mind; 2. Sacred; 3. Religion; 4. Tomb.

Introdução

A humanidade, hoje, vivencia uma religião extremamente abstrata, intelectualizada, com muitas doutrinas e códigos. Por isso, inquietamo-nos em fazer algumas perguntas: será que sempre foi assim? Será que sempre fomos assim? E a nossa religiosidade, sempre foi pensada, cogitada? E ainda podemos nos questionar mais, será que as primeiras civilizações viviam sua religiosidade da forma atual? Será que a civilização grega, por exemplo, que

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é Coordenador da Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Ciências das Religiões e professor adjunto do Departamento de Ciências das Religiões, Centro de Educação – UFPB. E-mail: fabriciopossebon@gmail.com

² Mestre em Ciências das Religiões pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba e doutoranda em Letras pela mesma Instituição E-mail: graci_cead@hotmail.com.

era muito avançada para sua época, vivia sua religiosidade da forma atual? Diante destas indagações, propomo-nos a pesquisar este mundo antigo para respondermos a essas questões, tentando dirimir um pouco as nossas dúvidas.

Na realidade, este trabalho é um convite para uma viagem a um mundo novo e desconhecido, mas que já foi habitado e vivenciado por toda a nossa raça. Por isso, é um convite também para conhecermos o cerne da religião. Contudo, para partirmos em busca do cerne da religião, faz-se necessário ir até o início de nossa existência. Assim, vamos começar nossa pesquisa a partir dos primeiros momentos do homem sobre a Terra, tendo como base teórica as perspectivas assumidas por Steven Mithen³.

Os primeiros exemplos de nossa raça advêm de primatas, que têm um parentesco distante das espécies de símios que encontramos hoje. Mas, na realidade, não vamos abordar uma evolução biológica do homem, apesar desta fazer parte do tema que trabalharemos, seremos objetivos, pois o que nos interessa nesse momento pré-histórico é a evolução cerebral que o homem sofreu durante milhares de anos até atingir um ponto propício para um entendimento mais panorâmico de si mesmo e do outro, proporcionando a esse homem um contato com o religioso⁴. A vivência primeira do homem com o sobrenatural partiu dos atos de sepultamentos seguidos de rituais fúnebres que atribuíam uma característica de sagrado ao culto realizado. Esses atos tinham como símbolo o próprio túmulo, que representava o espaço sagrado⁵ onde se encontravam aqueles que já não mais pertenciam a esse mundo real e, portanto, podiam constituir um elo entre os vivos e o sobrenatural.

Este estudo torna-se importante de acordo com a perspectiva de que esses cultos não pararam na pré-história. Eles seguiram o homem durante toda a evolução das civilizações, chegando à civilização grega em sua essência, e é a essa civilização que vamos dedicar nossos estudos, tendo em vista o caráter importante dela para a humanidade. Assim, apresentamos de forma embrionária a origem básica dos cultos e rituais gregos e, a partir dessa origem, procuramos identificar os rituais fúnebres – originários dos primórdios da humanidade – como expressões ritualísticas que caracterizam o início de nosso contato com o religioso e que explicam as formações e criações dos mitos gregos, dentre eles, a origem dos heróis⁶. Tomamos como referencial para explicar a nossa concepção de mito a teoria de Mircea

³ Steven Mithen, arqueólogo que desenvolveu estudos sobre a pré-história cognitiva.

⁴ MITHEN, S. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. Tradução Laura Cardellini Barbosa de Oliveira; revisão técnica Max Blum Ratis e Silva. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p.19.

⁵ ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 25-62.

⁶ BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**. Tradução de M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Serviço de Educação/ Fundação Calouste Gulbenkian, 1993 [1977], p. 369-418.

Eliade⁷, observando o direcionamento proposto por Jean-Pierre Vernant⁸ e, também, a ideia de evemerismo⁹, que é mencionada na obra de Fernand Robert¹⁰.

Percebemos que o homem antigo, das primeiras civilizações, e o homem arcaico, propriamente dito, pré-histórico viviam o ato religioso em rituais concretos e próximos do seu cotidiano. Ainda, na Grécia antiga, esses rituais tornavam-se mais diários, pois estavam nas pequenas realizações, mas também nas grandes festas, tais como na festa dos mortos. Como diz Possebbon: “A vida profissional, a ocupação com os afazeres domésticos, o lazer, a diversão, o descanso, etc., são atividades que os gregos primitivos faziam como nós, todavia sempre tendo presente o elemento maravilhoso”¹¹. Assim, percebemos que o grego não diferenciava suas atividades corriqueiras do divino, do sagrado, ao contrário, ele vivia a religiosidade constante e continuamente, em todos os seus atos. Ainda acerca da vivência do sagrado no cotidiano, Eliade afirma que:

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia¹²

De acordo com Eliade, “o sagrado equivale ao poder”¹³, e esse poder é representado em toda sua força nos cultos primitivos e na civilização grega através do túmulo. Pois, é o túmulo que dá um caráter de sobrenatural aos mortos e sendo mais preciso, é ele também que aproxima o homem do divino e é por meio desse ser morto, dono do túmulo, que os vivos podem estabelecer uma ligação com o além¹⁴. Na civilização grega, a posse do túmulo e o culto aos mortos constituíram muitos dos mitos que fundamentaram toda a religião grega, por exemplo, o mito dos heróis¹⁵.

Sabemos que nossa pesquisa não dará conta de expor todo o processo religioso da pré-história e da Grécia antiga. Por isso, guiar-nos-emos através do ritual fúnebre, do culto

⁷ Mircea Eliade foi um Historiador das Religiões e desenvolveu um estudo acerca da relação do homem com o sagrado por meio do rito, do espaço, do tempo e do mito. Cf. ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões, p. 5.

⁸ É importante helenista que desenvolveu muitos estudos sobre a influência do mito e dos ritos na cultura grega e como isso foi transmitido pela literatura.

⁹ “Evêmero” (c.330-c.260), que popularizou essa interpretação pseudo-histórica da mitologia em seu livro “A Inscrição Sagrada”.

¹⁰ ROBERT, F. **A religião grega**. Tradução Antônio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 04-05.

¹¹ POSSEBON, F. **Tò thaumastón: o maravilhoso**. Introdução ao pensamento grego arcaico. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB/ Zarinha Centro de Cultura, 2008, p. 09.

¹² ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. p. 18.

¹³ ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões, p. 18.

¹⁴ ROBERT, F. **A religião grega**, p. 04-05.

¹⁵ Idem, Ibidem.

aos mortos e, principalmente, da importância do túmulo¹⁶ que, desde sempre, é um norte para este tipo de estudo. Pois, é através do túmulo que podemos identificar o ritual feito, o culto que era praticado e a importância do morto para sociedade, e é essa força do túmulo enquanto registro e detentora de informações, assim como, fonte de origem para muitos mitos, que nos propusemos a mostrar, fazendo esta busca desde os sepultamentos na pré-história até as festas e cultos aos mortos na civilização grega¹⁷.

1. A Evolução da Mente e o Surgimento da Religião: simplesmente uma manifestação do sagrado¹⁸

Que o homem surgiu na terra a milhares de anos e, desde então, passou por diversas mudanças e que estas o conduziram até os nossos dias, todos nós já sabemos. Porém, muitos desconhecem as alterações sofridas por nossa mente neste espaço de tempo.

A mente humana modificou-se a cada novo momento da nossa evolução até chegar ao *Homo Sapiens Sapiens*, isto é, o homem que somos. Mas, o estágio humano que desfrutamos é resultado de um processo longo e distante de nossa realidade. Os primeiros surtos de inteligência surgiram através do *Homo Erectus*, que libera as mãos por tomar uma postura ereta e, com isso, passa a ter um contato maior com o meio ambiente. Logo, há um desenvolvimento do cérebro um pouco mais acentuado. Após o *Homo Erectus*, temos o *Homo Habilis* que desenvolve o dedo em forma de pinça pela oposição do polegar e isso possibilita um aumento cerebral¹⁹.

A evolução humana segue seu curso diante das grandes mudanças climáticas que assolam a terra nesses primeiros milênios da história. Assim, chegamos ao *Homo Sapiens* arcaico e ao Homem de *Neandertal*, este teve seus vestígios encontrados na Europa e aquele fora identificado na África e na China²⁰. Este homem arcaico (*Homo Erectus*, *Homo Habilis*, *Homo Sapiens*, *Homem de Neandertal*) desenvolveu as inteligências múltiplas, paulatinamente, de acordo com a evolução da espécie humana e com as necessidades que eram impostas pelas adversidades do clima e da própria Terra. No entanto, as inteligências desenvolvidas não fluíam entre si, pois elas funcionavam, separadamente, no modelo de um canivete suíço²¹. O homem arcaico utilizava de maneira isolada as inteligências fundamentais para sua sobrevivência.

¹⁶ BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**, p. 369-380.

¹⁷ Para esta busca utilizamos: MITHEN, S. **A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**.

¹⁸ Mithen utiliza em sua obra *A pré-história da mente* o termo religião para designar este contato do ser humano com o transcendental. No entanto, como este conceito de religião institucionalizada não fazia parte do contexto dos tempos mais remotos de nossas civilizações, optamos por usar em nossa pesquisa a expressão manifestação do sagrado ou Hierofania, termo usado por Mircea Eliade em sua obra *O sagrado e o profano*, que também expressa o sentido de contato com o sobrenatural.

¹⁹ MITHEN, S. **A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**, p. 186.

²⁰ Idem, *Ibidem*.

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 185-239.

Essas inteligências eram a inteligência técnica, a inteligência naturalista, a inteligência social e a inteligência geral.

A inteligência técnica fora usada para a produção de ferramentas para a caça. As primeiras delas ou os primeiros artefatos produzidos foram os Chopper's, ferramentas produzidas a partir dos seixos. Elas eram feitas pela aplicação de uma inteligência técnica, mas não havia uma preocupação em relacionar essas ferramentas ao tipo de caça ou ao local onde o animal seria caçado, etc. Então, percebemos que não ocorria uma união entre a inteligência técnica e a naturalista. Pois, a inteligência naturalista proporcionava ao homem arcaico um entendimento do ambiente no qual se encontrava e de tudo o que estava a sua volta, assim, ele poderia se direcionar de forma mais precisa e caçar com mais eficácia. No entanto, não encontramos a aplicação dessas orientações na produção dos artefatos e, conseqüentemente, os resultados não foram os melhores.

A inteligência social pode ser compreendida como uma forma de inteligência presente entre os humanos arcaicos, pois, entende-se que era essa que lhes proporcionava alguma maneira de interação, direcionando-os nas atividades a serem desenvolvidas. Porém, semelhante às outras inteligências, a inteligência social era aplicada de uma maneira isolada. Assim, essas inteligências se apresentavam separadamente, fazendo com que o cérebro permanecesse dentro de uma limitação, que impossibilitava o homem arcaico realizar novos empreendimentos e ter a sobrevivência garantida.

A transição do Paleolítico Médio para o Paleolítico Superior é marcada por uma explosão cultural. Esta ocorre quando as três bases da inteligência humana (a inteligência técnica, naturalista e social) se fundem e proporcionam ao homem, meios de fazer uma transformação no ambiente no qual está inserido²². A fusão entre as bases da inteligência permitiu ao homem, que agora é o *Homo Sapiens Sapiens* (o homem moderno²³), ter uma fluidez cognitiva e uma compreensão simbólica, que é desenvolvida por meio da linguagem, possibilitando-lhe um novo entendimento do seu mundo. A explosão cultural que ocorreu desencadeou as primeiras manifestações artísticas e o aparecimento de expressões do sagrado (da religião). Isso aconteceu devido à nova capacidade humana de representar, de abstrair, de construir símbolos e de constituir, agora, uma cultura mítica.

É no início do Paleolítico Superior que este contato do homem com a divindade, com o sobrenatural é instituído inicialmente²⁴. Este fato é reconhecido por uma nova forma de sepultar os mortos. O homem passa a produzir uma espécie de ritual para seus mortos mostrando, com isso, que há uma abstração em relação ao ser que não está mais entre eles, e há também um elo com esse ser. O processo de sepultamento, seguido de rituais, sinaliza uma alteração no pensamento dos primeiros homens modernos em relação aos homens arcaicos. Porque,

²² MITHEN, S. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência, p. 262.

²³ A partir de então, empregaremos esta expressão “homem moderno” referindo-nos ao *Homo Sapiens Sapiens*.

²⁴ MITHEN, S. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência, p. 279-290.

em determinados locais habitados pelo Homem de *Neandertal*, foram encontrados alguns corpos sepultados em covas, porém, não havia indícios de rituais fúnebres nem de objetos depositados nas covas com os mortos, descaracterizando, assim, a realização do ritual²⁵.

Portanto, é a partir dessa explosão cultural, advinda por meio da fluidez cognitiva, que o homem passa a sepultar os seus mortos através de um ritual, ato que caracteriza a presença do rito religioso e a presença dessa abstração do ente que partiu. Os primeiros homens modernos passam a sepultar seus mortos, promovendo ritos fúnebres que utilizavam o totemismo com carcaças ou imagens de animais sendo depositadas nos túmulos, caracterizando o morto com peculiaridades do animal em questão. Essa visão é paradoxal ao antropomorfismo, que atribui características humanas aos animais. Os objetos depositados nos túmulos identificavam os rituais mortuários e mostravam que os primeiros indivíduos do Paleolítico Superior acreditavam em seres sobrenaturais ou em uma vida após a morte, ou simplesmente, queriam estabelecer um contato com o além²⁶.

Este novo fato na história da humanidade determina a presença de uma ideologia religiosa, tendo em vista que a religião em si, normalmente, é a crença em seres não-físicos²⁷. Essas ideologias frisam a existência de uma essência (alma – espírito) após a morte, a interpretação e inspirações dos seres sobrenaturais, e que os rituais podem provocar mudanças no mundo natural.

Diante dessas informações, observamos que alguns sítios arqueológicos continham registros desses rituais e apresentavam por meio da arte, seu culto ao transcendente, ao mundo mitológico. Esses registros de pinturas e objetos que caracterizavam o ritual fúnebre vêm nos informar que o rito era realizado por que as pessoas acreditavam no não-real. Mas, além disso, vêm nos mostrar que a realização desse ritual não era da mesma forma para todos. Entendemos que havia certa seleção para a realização deste ato fúnebre, utilizando mais ou menos objetos para serem depositados no túmulo, destacando, assim, as pessoas que o recebiam como homens importantes para sua comunidade e, ser-nos-iam, também, no contato com o sobrenatural²⁸. A ideologia religiosa também no Paleolítico Superior era direcionada pelo não-físico que rompia com o conhecimento intuitivo do homem em seu aspecto biológico, pois os seres míticos que eram projetados pelas nossas mentes possuíam um corpo humano que não estava preso as limitações da humanidade. Contudo, algumas vezes, esses seres eram dotados de sentimentos humanos. Essas características são percebidas principalmente nos deuses gregos e romanos. Mas, estes sentimentos não podem ser avaliados no contexto dessas expressões de sagrado, com índices qualitativos, como sendo bons ou ruins, pois tudo fazia parte do universo dos deuses. São estes distanciamentos e aproximações com o ser sobrenatural que permitia uma compreensão e uma ligação do homem com um ser superior.

²⁵ Idem, Ibidem, p. 284.

²⁶ MITHEN, S. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência, p. 264-268.

²⁷ BOYER apud MITHEN, S. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência, p. 279.

²⁸ MITHEN, S. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência, p. 264-303.

O registro religioso que ocorria nos túmulos, geralmente, era marcado pela presença de carcaça de animais ou da representação desses, mas tratava-se sempre de um símbolo totêmico. Destarte, observamos que foi necessária a união da inteligência naturalista com a social para que houvesse os primeiros rituais nos sepultamentos e os primeiros símbolos deixados nesses espaços caracterizando, por meio desses, o sobrenatural²⁹.

Parece-nos de fundamental importância que os estudiosos das religiões compreendam que essa evolução da mente humana possibilitou a fusão das inteligências múltiplas, liberando uma fluidez cognitiva que levou o homem a um estado mental mítico, permitindo, assim, as primeiras aspirações religiosas da humanidade.

2. A Simbologia do Túmulo³⁰

O sepultamento em covas já era utilizado pelo Homem de *Neandertal*, no entanto, não englobava esta percepção de sobrenatural que começa a surgir com o homem moderno. Destarte, a prática ritualística de depositar objetos nos túmulos, caracterizando esses como elos entre o mundo físico e o não-físico, ainda não existia para o homem arcaico. Foi no início do Paleolítico Superior que o túmulo tornou-se o registro deste contato com o sagrado e passou a guardar em si, concretamente, a ocorrência do fenômeno religioso.

À medida que o *Homo Sapiens Sapiens* foi se integrando ao mundo e passou a unir as inteligências múltiplas, o culto aos mortos foi evoluindo. E essa evolução é percebida através das alterações nos túmulos. Os sepulcros eram adornados anteriormente com carcaças de animais, caracterizando um ritual totêmico, contudo, a esse ritual foi acrescido outros adornos de contas, marfim, entre outros elementos, abandonando um pouco a percepção totêmica e adotando um ato mais antropomórfico. Essas mudanças foram acontecendo gradativamente, mas a importância religiosa do túmulo e do ritual fúnebre continuou se fazendo presente, ligando o homem ao transcendente.

Este tipo de ornamentação dos túmulos podia ser observado com naturalidade na Grécia antiga, onde o ritual fúnebre estabelecia a própria estrutura religiosa. Pois, os túmulos na Grécia eram ambientes religiosos e ritualísticos, espaços sagrados nos quais havia o contato do homem com a divindade. Esses túmulos continuaram sendo ornados com pedras, madeiras, porém, cada vez mais carregados de simbolismo e mais transcendentes, levando a pessoa ao deus. Os novos símbolos eram também representações de animais, mas nesse caso, como já foi mencionado, não há a ocorrência do totemismo e, sim, do antropomorfismo, pois os gregos atribuíam aos animais características humanas. Essas alterações nos sepultamentos ocorreram após a união entre a inteligência social e a inteligência naturalista no início do

²⁹ MITHEN, S. **A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**, p. 285.

³⁰ O túmulo representa o elo entre o real e o não-real, dando um caráter divino e de poder àquele que o possui. Cf. BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**, p. 395-396 e ROBERT, F. **A religião grega**, p. 04-05.

Paleolítico Superior e permitiram ao homem moderno estabelecer uma ligação com outro ser humano, registrando esse vínculo depois da morte por meio da utilização de adornos feitos, geralmente, com restos de animais ou imitações desses nos sepultamentos.

A representação do túmulo como elo entre os homens e o além chegou à Grécia carregada de ideologias religiosas. Ideologias essas que foram fomentadas desde o período Paleolítico Superior. O túmulo não deixava de ser um registro social, pois a sua importância ocorria de acordo com a influência da pessoa: quanto mais importante o indivíduo, mais ornado o túmulo seria e mais simbólico seria o ritual.

Os primeiros túmulos se encontravam em cavernas, onde as pessoas depositavam seus mortos ilustres por meio de rituais simbólicos. Já na Grécia antiga, os mortos eram sepultados em um dado momento em sepulturas de cúpula ou câmara, porém, passaram a ser sepultados em covas individuais. Alguns eram sepultados em pontos determinantes para a orientação. Estes túmulos eram em forma cônica, constituído por montes de pedra e formavam a sepultura de homem influente. Essas sepulturas eram ornadas com muitos objetos, muitos símbolos que indicavam a importância do morto e seu destaque na comunidade³¹. Isso é confirmado por Marily Simões Ribeiro, quando diz:

Os sepultamentos se mostram como locais privilegiados para se ler as relações de poder, por meio da cultura material presente junto aos mortos, da própria construção do abrigo para a deposição do corpo, da prática escolhida para a deposição do corpo e dos signos de poder presentes em contextos mortuários. Especialmente a partir da década de 70, a perspectiva da leitura dos papéis sociais e do reconhecimento das diferenciações nas estruturas da sociedade a partir dos restos funerários continua produzindo frutos³²

De acordo com a afirmação de Ribeiro, o túmulo constitui um espaço sagrado repleto de significados simbólicos, mas também funciona como um norte cheio de dados sociais sobre aquele que ali jaz. Além desta importância dada ao falecido pelos adornos depositados em seu túmulo ocorre, também, de maneira geral, um destaque para todos os mortos que é, em sua essência, o simples fato destes estarem mortos, isto é, os não – vivos tornam-se também destaques pelo próprio poder exercido pela morte, que torna um vivo em um ser não-físico, logo, sobrenatural. Portanto, esses indivíduos que desde a era do Paleolítico Superior vêm sendo sepultados e ornados por meio de rituais fúnebres tornam-se parte do divino pelo túmulo adquirido e, conseqüentemente, pelos rituais recebidos.

Destarte, o túmulo é o primeiro símbolo religioso que guarda a essência do sobrenatural, do divino em si. Por isso, precisa ser ritualizado e cultuado devidamente. Este culto promove a própria divinização do morto, tornando-o parte do sobrenatural e de certa forma, divindade.

³¹ ROBERT, F. *A religião grega*, p. 04-05.

³² RIBEIRO, M. S. Debates atuais da arqueologia: será que podemos falar dos mortos? In: _____. *Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 122.

Com isso, percebemos que o divino surge de algo concreto que transcende a percepção humana e sua inteligência, criando um mundo simbólico, mas intrinsecamente ligado ao real.

3. O Ritual Fúnebre na Grécia Antiga

O culto aos mortos, na Grécia Antiga, assim como desde o momento da explosão cultural sofrida pelo homem moderno, era algo sagrado que deveria ser realizado por diversos motivos da ideologia religiosa, mas o que também norteava esses cultos era o medo do que estava obscuro, distante, nos reinos infernais. A respeito desse receio dos vivos em relação aos não-vivos, Vernant diz:

[...], durante a festa dos *genésia*, dos antepassados, no mês Boedromion (setembro); porém, mais do que um ato de veneração diante das Potências superiores, elas aparecem como o prolongamento temporário do cerimonial dos funerais e das práticas de luto: trata-se, ao abrir para o defunto as portas do Hades, de fazê-lo desaparecer para sempre deste mundo, onde ele já não tem seu lugar [...]³³

A afirmação acima nos mostra que os rituais fúnebres eram realizados para direcionar os mortos ao Hades³⁴ e afastá-los do mundo real. Porém, esta não era apenas uma necessidade dos vivos, pois, os rituais eram fundamentais para o próprio morto, como pode ser observado no trecho abaixo:

Dormes, Aquiles, o amigo esquecendo? Zeloso era antes, quando me achava com vida; ora, morto, de mim te descuidas, com toda a pressa sepulta-me, para que no Hades ingresse, pois as imagens cansadas dos vivos, as almas, me enxotam, não permitindo que o rio atravesse para a elas juntar-me. Por isso vago defronte das portas amplíssimas do Hades³⁵

De acordo com os versos acima, compreendemos a importância dos rituais mortuários para que os falecidos entrassem no Hades. Este era um pensamento mítico do mundo grego, que é exposto nesse trecho da *Iliada* e, com isso, podemos constatar que para o homem da Grécia antiga, o vínculo com o mundo real só era rompido quando o morto cruzava o rio do Hades, mas este fato só ocorria através desses rituais.

O ritual mortuário dos gregos seguia a mesma ideologia dos primeiros *Homo Sapiens Sapiens*, respeitando a estrutura social que deveria ser seguida e mantida. Nesse momento, o mundo grego já adotara basicamente a sepultura individual, que passara a ser situada fora dos limites das cidades. Dessa maneira, o ritual fúnebre seguia uma sequência específica.

³³ VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 46.

³⁴ Hades era um deus grego, mas essa palavra também designava as regiões infernais para onde iam todas as almas.

³⁵ HOMERO. **Iliada**. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 344, (Canto XXIII, Versos 69-74).

O início do rito era o amortalhamento – o morto era lavado e vestido por mulheres, depois a cabeça era cingida por fitas ou com uma coroa e era rodeado por mulheres que se lamentavam. Essas lamentações eram indispensáveis. Esse momento do rito durava um dia e nesse dia só haveria choro, dor e desespero da parte dos familiares que arrancavam os cabelos, arranhavam-se, machucavam-se de todas as formas, expressando através desse momento sua dor. Podemos ver um momento como este na *Ilíada* quando Príamo, vendo o filho, Heitor, morto, atira-se aos excrementos dos animais em um sinal de sofrimento, maculando-se e estabelecendo a desordem à sua casa.

Mancha-se a bela cabeça, desta arte, na poeira. Atirando o branco véu para longe, os cabelos a mãe arrepele, ao ver o filho extremado, rompendo em sentidos queixumes. O velho pai, também, solta gemidos de dor, e os do povo, por toda a grande cidade, a lamentos e prantos se entregam [...] Dificilmente os do povo podiam conter o monarca, que, desvairado, queria sair pelas portas dardânicas. A rebolear-se no esterco, fazia insistentes pedidos, por entre fundos lamentos, chamando a um por um pelo nome: [...]³⁶

Nesses versos percebemos as lamentações do monarca diante da voracidade da morte. Ainda de acordo com a ideia do rito mortuário, veremos nos versos seguintes o cumprimento dessa primeira etapa do ritual fúnebre, quando as mulheres vão lamentar e chorar ao lado do corpo do guerreiro em questão:

Viu o cadáver, também, sobre o leito que os mulos traziam. Soam por toda cidade seus gritos e tristes lamentos: [...] Logo que a régia imponente alcançaram, no leito esculpido foi colocado o cadáver; ao lado cantores se postam, com o objetivo de entoar epicédios, a que dão começo cheios de unção e tristeza, conforme aos queixumes das Teucas. Dá logo início aos lamentos, no meio das Teucas, Andrômaca [...]³⁷

Percebemos, através dos versos citados, que os textos literários faziam registros em suas narrativas das práticas fúnebres do povo. Assim, identificamos no trecho acima a narração do momento das lamentações como parte do ritual fúnebre. Após este momento do rito (as lamentações), ocorria outra etapa que era o levar para fora, isto é, conduzir o morto para fora do espaço da cidade, dirigindo-o até o local sagrado, onde eram sepultados os mortos. Durante essa procissão, continuam as lamentações. Chegando-se ao local determinado do sepultamento ou da cremação, ocorre o ato do enterro propriamente dito ou da cremação. Quando o falecido era cremado, havia no local uma grande fogueira onde era depositado o corpo, depois um parente recolhia os ossos. O funeral, em si, ocorre seguido por sacrifícios e refeições fúnebres.

³⁶ HOMERO. *Ilíada*, p. 340 (Canto XXII, Versos 405-415).

³⁷ HOMERO. *Ilíada*, p. 376-377 (Canto XXIV, Versos 702-724).

Os sacrifícios podiam ser efetivados pela entrega de oferendas ao morto em forma de presente, sendo essas oferendas objetos representativos do falecido como, por exemplo, armas, ferramentas de trabalho, jóias, roupas, etc. Mas, como na pré-história, também eram depositados símbolos de animais, de divindades, etc. Havia também a destruição de objetos e animais pertencentes ao morto, em sinal da sua perda e do sofrimento dos seus. Seguindo a entrega dos presentes em sacrifício, ocorria o banquete, outro estágio do ritual fúnebre. O banquete, em um período longo da antiguidade, era consumido e preparado ao lado da pira ou do sepulcro do morto, mas em certo momento da história passou a ser preparado em casa e consumido à mesa, onde as pessoas imaginavam que o morto se encontrava presente. Após o banquete, aconteciam os jogos fúnebres³⁸. Estas competições ocorriam para celebrar e honrar o falecido, além de estabelecer uma função social, característica dos rituais mortuários, os jogos também serviam para obtenção do prestígio, pois quanto mais honra recebia o morto, mais importante este era³⁹.

Registros sobre os jogos fúnebres podem ser encontrados em diversas narrativas como, por exemplo, em um episódio da *Ilíada*:

Primeiramente, com vinho brilhante os vestígios apagam do fogo ingente, que espessa camada de cinza formara; os brancos ossos do amigo, a chorar, em seguida, recolhem, em urna de ouro os colocam, cobrindo-os com muita gordura, e a urna na tenda de pões, sobre a qual branco linho estenderam. Traçam, depois, o contorno do túmulo à volta da pira, os fundamentos afirmam e a terra escavada amontoam. O monumento erigido, dispõem-se a sair; mas Aquiles os Dânaos todos detém para os jogos, fazendo assentarem-se, e manda vir dos navios os prêmios, caldeiras e trípodes, [...]⁴⁰

A realização dos jogos fúnebres foi descrita em várias epopéias. Como exemplificamos acima com um momento narrado na *Ilíada*, temos também na *Eneida*⁴¹ a narração de outro episódio envolvendo esses jogos.

Terminando as competições, o túmulo é marcado por uma pedra que funciona como uma espécie de símbolo do morto. Depois do uso dessa pedra nos primeiros séculos, passou-se a usar uma lápide decorada com pinturas e inscrições. Essas lápides devem ser lavadas, oleadas durante as festividades em honra aos mortos. As lápides ou signos funcionam como protetores dos mortos e os anunciam para a eternidade. Esse culto ao sepulto é contínuo, mas ocorre de maneira frequente em datas determinadas, no terceiro dia, no nono dia e no trigésimo dia após a morte do falecido, quando é determinado o fim do luto, ficando as honras

³⁸ Os jogos fúnebres eram competições esportivas realizadas pelos parentes dos falecidos de prestígio, após o sepultamento ou a cremação do corpo. Esses jogos serviam para restabelecer a organização social que fora abalada com a morte do ente querido.

³⁹ BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**, p. 374-377.

⁴⁰ HOMERO. *Ilíada*, p.348, (Canto XXIII, Versos 250-259).

⁴¹ *Eneida* é uma epopeia clássica, produzida por Virgílio, poeta latino. No Livro V da *Eneida* é descrito os Jogos Fúnebres que Enéias realiza em homenagem à morte de seu pai Anquises.

fúnebres (sacrifícios, banquete fúnebre e jogos competitivos) inseridas no calendário festivo das cidades e ocorrendo, anualmente, na comemoração da festa dos mortos.

Os ritos fúnebres não estabelecem apenas um contato com o sobrenatural, mas no “[...] culto dos mortos permanece o fundamento e a expressão da identidade da família. A veneração dada aos antepassados é esperada também dos descendentes: da recordação dos mortos cresce a vontade de continuidade”⁴². Portanto, os ritos fúnebres caracterizavam também um ato sutil para a eternidade.

4. O Rito e o Mito: a perpetuação do pensamento religioso

Constatamos que o homem evoluiu bastante com a fusão das inteligências múltiplas. Também entendemos que, a partir disso, iniciamos nosso momento mítico na Terra e passamos a estabelecer contato com o divino. Mas, onde começa esse contato?

Baseando-nos nas informações citadas, compreendemos que a religião teve início com os sepultamentos e rituais funerários. Então, nossos primeiros contatos com o sobrenatural realizaram-se partindo de atos concretos, nos quais havia a manifestação do sagrado. Pois, como propõe Eliade, “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”⁴³. Destarte, o homem estabelece uma comunicação com a divindade por meio do ritual fúnebre, porque há neste a manifestação do sagrado, a Hierofania⁴⁴.

Fernand Robert cita, em sua obra⁴⁵, a teoria do evemerismo que, por sua vez, justifica a ocorrência dos mitos como narrativas históricas usadas para assegurar a realização do rito. Então, segundo Robert, “a religião não está no que se conta, mas no que se faz.”⁴⁶, e, portanto, é “[...] o rito, que constitui a verdadeira origem do mito [...]”⁴⁷. Ainda conforme Robert, o mito apareceria como um meio de explicar o rito. Logo, percebemos que o nosso enigma é entender essa relação rito x mito.

Desta maneira, as festas destinadas aos mortos, em honra desses ou simplesmente para afastá-los dos que estavam vivos, assim como para que os falecidos abençoassem o mundo dos vivos ou as festas que reproduziam rituais de colheita, de combates ou de grandes feitos seriam justificadas por narrativas que definiriam toda a história inicial do rito. De acordo com esta teoria, a fama dos heróis vinha desse tipo de construção mítica. Pois, teria início com o rito fúnebre e o culto que se seguia a esse. Com isso, o falecido ganhava a fama após a morte e o mito se materializava.

⁴² BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**, p. 380.

⁴³ ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**, p. 17.

⁴⁴ Termo usado por Mircea Eliade para designar a manifestação do sagrado.

⁴⁵ ROBERT, F. **A religião grega**, p. 04.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 06.

⁴⁷ Idem, *ibidem*.

Burkert diz em relação a isso que “[...] Na utilização linguística posterior, o “herói” é um falecido que exerce a partir do seu túmulo um poder para bem ou para mal e que exige uma veneração adequada”⁴⁸. Portanto, o herói, de acordo com esta afirmação, era um indivíduo de destaque que a partir da força religiosa do túmulo e de seu culto, ganhava uma narrativa que fomentava seu mito e o propagava por todos os cantos do mundo antigo.

No entanto, o mito do herói fora consolidado pelos grandes poetas da antiguidade Homero⁴⁹ e Hesíodo⁵⁰, que narraram os feitos heroicos em campos de batalha, forjados nos combates singulares. Dentre os heróis, estavam Aquiles, Ulisses, entre outros. Hesíodo sendo mais didático estabeleceu a organização universal através do Mito das Raças Humanas e situou o herói em uma idade específica, entre a idade de bronze e a idade de ferro, idade dos homens como nós. Em consonância com Hesíodo, o herói seria uma raça superior aos humanos normais, uma raça que nasceu em um tempo próprio e determinado, fazendo cair por terra a teoria de que os heróis seriam os falecidos que se tornavam venerados a partir de seu túmulo. Todavia, Vernant afirma que:

[...] Durante o século VIII, desenvolveu-se rapidamente o costume de reaproveitar construções micenianas, funerárias em sua maioria, que estavam em desuso havia séculos. Reformadas, elas servem de locais de culto para homenagens fúnebres prestadas a personagens lendários, [...] o culto dos heróis tem um valor ao mesmo tempo cívico e territorial; está associado a um local preciso, um túmulo com a presença subterrânea do defunto, cujos restos foram às vezes buscados em regiões distantes para serem reconduzidos ao seu lugar [...]⁵¹

O papel determinante do túmulo mais uma vez se faz presente em nossa pesquisa. Como Vernant expressa, muitos túmulos encontrados na Grécia que remetiam a épocas longínquas foram direcionados a determinados heróis. Pois, esses túmulos, normalmente, pertenciam a pessoas de destaque e, assim, surgiam narrativas acerca daquela pessoa, tornando-a um herói ou um semideus. Com isso, voltamos ao sentido primeiro de nossa pesquisa de que é o túmulo que garante ao homem *status* de divindade. O herói representava um símbolo protetor para a região na qual seu túmulo se encontrava. Ele concentrava os rituais e os cultos fúnebres voltados para si mantendo, desta maneira, uma aproximação com os indivíduos do local, visto que o herói também morre. Mas, mesmo morrendo como os outros homens, os heróis estavam acima dos nossos mortos, tendo em vista que o herói é detentor de proezas inimagináveis.

Assim, muitos túmulos foram encontrados e identificados como pertencentes a determinado herói por reconhecerem, nesses túmulos, semelhanças do porte físico ou de objetos usados pelo mesmo. Com isso, o herói passa a ser cultuado da mesma forma que os mortos o são nas festas dos antepassados.

⁴⁸ BURKERT, F. **Religião grega na época clássica e arcaica**, p. 396.

⁴⁹ Homero era um “poeta” grego, um *aedo*, a quem foi atribuída a autoria da *Iliada* e *Odisséia*.

⁵⁰ Hesíodo também era um “poeta” grego, um *aedo*, a quem foi atribuída a autoria da *Teogonia* e *Trabalhos e dias*.

⁵¹ VERNANT, J-P. **Mito e religião na Grécia antiga**, p. 44.

Entendemos que há muita discussão acerca da concepção de rito e de mito, e que este impasse irá se perpetuar por muitos anos pois, para alguns, o mito é apenas uma fábula que faz referência ao rito e, assim, por exemplo, o mito dos heróis seria uma narrativa fantasiosa. Contudo, após citarmos as diferentes propostas em relação ao rito e ao mito, tomaremos como parâmetro para fechar esta nossa ideia a teoria de Eliade que, por sua vez, nos apresenta uma relação intrínseca entre rito e mito. Destarte, à medida que o ritual fúnebre se desenvolve e a manifestação do sagrado permite um contato desse homem com uma experiência sobrenatural, o rito e o mito vão sendo construídos proporcionalmente. Assim, o ritual, definido pela concretude da Hierofania, é propagado pelo mito que “é pois a história do que se passou [...]” e “[...] funda a verdade absoluta”⁵².

Logo, entendemos que não é possível desassociar o rito do mito, nem estabelecer qual manifestação surgiu primeiro ou depois, porque os dois são complementos de uma mesma experiência, a experiência religiosa. Tampouco atribuiremos ao mito um caráter de fábula pois, como afirma Eliade, o mito é uma verdade a qual se soma a força sagrada do túmulo, para instituir um conceito de religiosidade presente nas pequenas atividades da sociedade e do cotidiano.

Considerações Finais

Compreendemos que se faz necessário conhecer a evolução da mente humana para entendermos o homem que somos hoje. Já em relação à religião, esta necessidade torna-se mais urgente. Ora, se não conhecemos a origem de nosso pensamento religioso, nem os atos que determinaram a formação de nossas religiões atuais, como poderemos dissertar sobre o que nos é completamente alheio? Pois, para compreendermos as variadas manifestações religiosas da atualidade, precisamos entender a essência e a origem dessas. E, assim, identificarmos de onde saíram essas formas de religiosidade, onde estão e para onde poderão nos levar.

Fazendo essa pesquisa, procuramos entender o cerne da religião, seu primeiro surto sobre a Terra, a evolução necessária para isso e, principalmente, como isso foi vivenciado pelas primeiras civilizações. Compreendendo todos esses tópicos, percebemos que a essência da religião, que foi vivenciada desde a explosão cultural no Paleolítico superior, chegando à civilização grega, está basicamente na execução dos ritos e cultos, principalmente nos cultos aos mortos e nos rituais fúnebres. Logo, entendemos que esses atos seguidos da representação do túmulo fomentaram toda ideologia religiosa da pré-história ao mundo grego e determinaram a origem dos mitos.

Concluimos que o surgimento dessa expressão de religiosidade desenvolveu-se a partir do rito fúnebre que está diretamente ligado às narrativas míticas. Assim, o rito está preso ao mito porque, simplesmente, os dois fazem parte da estrutura que constitui a manifestação do sagrado. Além disso, são eles que permitem a perpetuação desse contato com o transcendente.

⁵² ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões, p. 84.

Bibliografia

BURKERT, Walter. **Religião grega na época clássica e arcaica**. Tradução de M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Serviço de Educação/ Fundação Calouste Gulbenkian, 1993 [1977].

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução Rogério Fernandes. Biblioteca do pensamento moderno. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

HOMERO. **Iliada**. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. Clássicos de Bolso. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

MITHEN, Steven. **A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. Tradução Laura Cardellini Barbosa de Oliveira; revisão técnica Max Blum Ratis e Silva. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

POSSEBON, Fabrício. **Tò thaumastón: O maravilhoso**. Introdução ao pensamento grego arcaico. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB/ Zarinha Centro de Cultura, 2008.

RIBEIRO, Marily Simões. Debates atuais da arqueologia: será que podemos falar dos mortos? In: _____. Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica. **História Social**. São Paulo: Alameda, 200, p. 119-140.

ROBERT, Fernand. **A religião grega**. Tradução Antônio Pádua Danesi. Universidade Hoje. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Recebido em 03/10/ 2012

Aprovado para publicação em 15/12/2012